

Cur. Brasil
26 Mai 1997

Um termômetro defeituoso

ESTADO DE SÃO PAULO

6% menor em 12 meses e apenas 0,7% maior no trimestre. A melhora se explica principalmente, segundo o IBGE, pelo aumento das vendas de máquinas agrícolas.

Se nada disto indica uma demanda explosiva, também não aponta uma economia em marcha muito lenta — especialmente porque o IBGE, em seus números mais agregados, pode estar subestimando o nível de atividade. Depois, os dados do comércio exterior também estão longe de indicar uma economia sem dinamismo. De janeiro a abril, as importações de matérias-primas e produtos intermediários foram 23,3% maiores, em valor médio por dia útil, que as de igual período de 1996. A não ser que tenha havido um festival especulativo, tudo isso deve ter ido para a produção. Parte dessa importação deve ter substituído a fabricação nacional, é verdade, mas foi pelo menos incorporada na produção de bens finais. Há sempre algo que escapa quando se tenta completar esse quadro.

A economia esfriou, segundo o IBGE, mas o mercado de bens duráveis tem-se mantido vigoroso

Estes quadros indicam, no primeiro trimestre, uma economia menos ativa que nos últimos três meses de 1996, descontada a oscilação típica de cada época do ano. Por essa comparação, o Produto Interno Bruto (PIB) diminuiu 0,56% de um período para outro, com redução de 1,18% na produção geral da indústria e 0,82% na agropecuária. Restaria um crescimento, insignificante, de 0,06% nos serviços. A tabela não indica uma recessão, mas um menor dinamismo. De janeiro a março, de toda forma, o PIB ainda foi 4,21% maior que o de um ano antes.

Mas vale a pena, ainda, olhar alguns detalhes da produção industrial. Em março, a indústria de bens duráveis de consumo produziu 13,9% mais que no mesmo mês de 1996. Esse mesmo número corresponde ao crescimento acumulado em 12 meses. Automóveis, aparelhos de som e eletrodomésticos estão nessa categoria. Pelas contas do IBGE, porém, a produção de material de transporte, em março, foi apenas 4,74% maior que a de igual mês do ano passado. O sindicato das montadoras dá uma informação contrastante: em março, a indústria produ-

ziu 1.782,2 mil automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus, 15,57% mais que um ano antes. Mesmo levando em conta diferentes abordagens, e descontando a importação de componentes, são dois retratos que em nada se assemelham. Esta comparação pode ocasionar, não há dúvida, uma longa e complexa discussão técnica. Mas isso não altera um ponto: seja qual for o critério para estimar o valor da produção do setor, o número de unidades produzidas não se altera.

De toda forma, os números do IBGE indicam, no primeiro trimestre, uma produção industrial 4,64% maior que a de um ano antes e, em 12 meses, um crescimento de 5,1%. No primeiro trimestre, segundo o mesmo quadro, a produção de semiduráveis e não duráveis foi 1,3% menor que a de janeiro-março de 1996, mas isso foi mais que compensado pela fabricação de duráveis e de bens intermediários (5,8% maior, neste caso). A indústria de bens de capital continua em dificuldades, com produção

A indústria automobilística vendeu no mercado interno, de janeiro a abril, 545,4 mil unidades, 19,9% mais que um ano antes. Os primeiros quatro meses de 1996 também haviam sido melhores que os do ano anterior, com vendas 13,4% maiores. Estes números bastam para justificar algum cuidado em relação aos quadros do IBGE.